



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17354 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
ISSN: 2595-7945
GT 17 - Filosofia da Educação

ATITUDE FILOSÓFICA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Matheus Adonay Frazão Batalha - UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

ATITUDE FILOSÓFICA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

O ensino de filosofia no ensino médio apresenta desafios únicos, especialmente na missão de estimular o pensamento filosófico entre os jovens. Filosofia é tal como uma semente que, ao ser plantada, pode florescer em terrenos férteis ou áridos, dependendo das condições em que é cultivada. Já nos disse Aristóteles na primeira frase de sua obra ‘Metafísica’: “Todos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer”. (1973, p. 105) e isso, por sua vez, é o que nos difere dos outros animais. A nossa capacidade de reflexão sobre a realidade e nossa busca constante por seus princípios e causas são umas das poucas características com as quais todos os seres humanos continuam a se identificar. Isso ilustra a complexidade e a beleza do ensino filosófico: não se trata de fornecer respostas prontas ou motivacionais, como muitas vezes é visto nas redes sociais, mas de incentivar uma reflexão profunda e contínua, que germina ao longo do tempo na mente dos estudantes. Todo esse trabalho de enfrentamento nos abre um leque de novas possibilidades, em se tratando do ensino de filosofia na educação brasileira.

A metodologia da pesquisa baseia-se em observações diretas do cotidiano escolar, tanto em instituições públicas quanto privadas, com entrevistas a alunos e professores de diversas disciplinas, além da pesquisa bibliográfica do termo atitude filosófica, que para Chauí: “É também uma interrogação sobre o porquê disso tudo e de nós, e uma interrogação sobre como tudo isso é assim e não de outra maneira. O que é? Por que é? Como é?”(1995, p.9). A essência da filosofia, não está em sua finalidade em si, mas no caminho em que se percorre, que é propriamente Filosofia. Em suma, define-se nela mesma enquanto se faz.

Muito embora “sempre seremos retrojetados de todas essas tentativas de compreender a filosofia em comparação com alguma outra coisa” (HEIDEGGER, 2003, P.4), haja vista que todas as disciplinas são comparadas em suas aplicabilidades relacionadas ao “mercado de trabalho”, e nesses tempos, quiçá há muitos, em nossa sociedade, as ciências humanas têm sido inadequadamente comparadas pelo senso comum em função de outras, ignorando que as humanidades são essenciais para o desenvolvimento de uma sociedade justa com equidade.

A necessidade de justificar o ensino de Filosofia em termos de sua "utilidade" nada tem a ver com sua missão na formação integral do indivíduo. É mais do que adequado citar Kant quando diz que Filosofia é um saber incompleto, tal como nós, sempre em constante modificação: "(...) nunca se realizou uma obra filosófica que fosse duradoura em todas as suas partes. Por isso não se pode em absoluto aprender filosofia, porque *ela ainda não existe*" (1983, p. 407). Desta maneira, não se pode ensinar filosofia, como de fato, não se ensina em muitas escolas. Ensina-se história da filosofia, dá-se acesso aos principais pensadores, que também é o certo, mas a tarefa primordial, que é o filosofar, é deixada de lado. O que nos leva a principal questão: **como ter uma atitude filosófica em sala de aula?**

Ensinar a filosofar dentro do currículo regular do ensino médio apresenta desafios consideráveis. A estrutura curricular atual não privilegia a prática filosófica ativa, o que pode limitar a capacidade dos alunos de desenvolver uma atitude filosófica. Savater (2001, p. 31) ressalta a necessidade de transformar o estudo de filosofia em algo mais estimulante e relevante para os alunos. As escolas enfrentam uma cultura educacional que valoriza resultados imediatos, onde a massificação do ensino e a pressão por resultados expressos em índices e rankings desvalorizam a educação como um processo integral e inclusivo. Freire é fundamental quando diz: “Estudar é um dever revolucionário!” (1989, p. 33), e condensa em uma só sentença o objetivo e o meio pelo qual a transformação de toda uma sociedade é possível. Essa mudança exige empenho que mora na utilização de metodologias dialógicas:

Para ser autêntico só pode ser dialógico. E ser dialógico, para o humanismo verdadeiro, não é dizer-se descomprometidamente dialógico; é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade (FREIRE, 2001, p. 39).

O objetivo final da pesquisa é desenvolver métodos que integrem a Filosofia como uma atitude cotidiana e vivenciada pelos alunos, capaz de transcender os muros da escola e contribuir para a formação de cidadãos críticos e reflexivos. A expectativa é que essa abordagem possa, além de melhorar o ensino de Filosofia, promover uma reflexão mais ampla sobre o papel das humanidades na educação e na sociedade. Ao revalorizar a Filosofia e o ato de filosofar, a pesquisa busca contribuir para a construção de um sistema educacional mais justo, inclusivo e comprometido com o desenvolvimento integral dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Tópicos. Dos argumentos sofísticos. Metafísica: livro I e livro II. Ética a**

Nicômaco. Poética. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os pensadores, 4).

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia.** São Paulo: Ática, 1995.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 38. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

HEIDEGGER, M. **Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão.** Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense, 2003.

KANT, I. **Crítica da razão pura.** 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SAVATER, F. **As perguntas da vida.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 11. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2011.